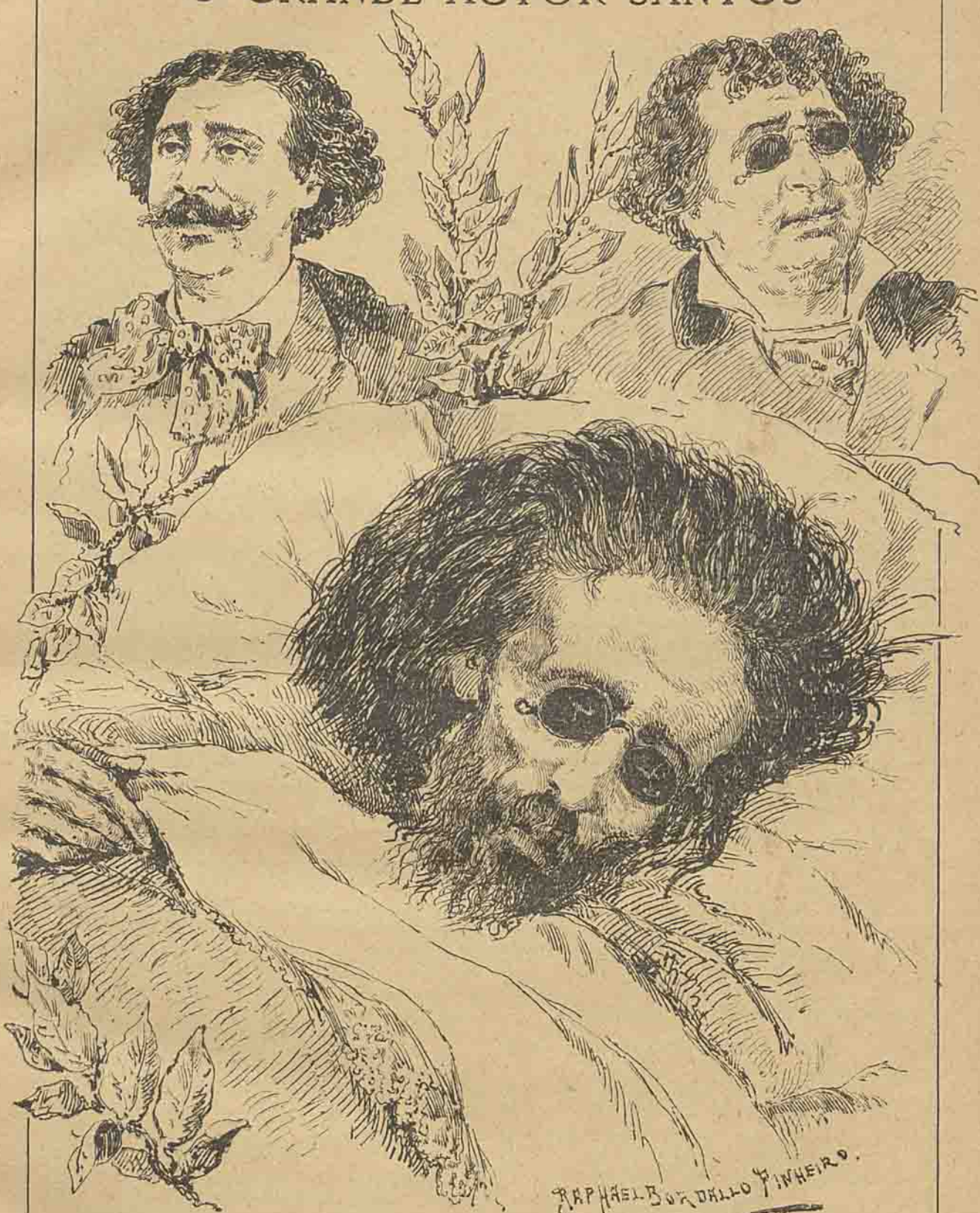


O GRANDE ACTOR SANTOS



José Carlos dos Santos é duas vezes celebre: pelo seu talento e pelo seu martyrio. Tão amplo de glórias lhe foi o primeiro, como interminavel de amarguras lhe está sendo o ultimo!
 Mal se comprehende como n'aquella massa de carne torturada esteja a figura gentil do artista notabilissimo!

Pobre martyr! Desventurado genio!

A *matinée* que no proximo domingo se realisa no theatro de S. Carlos, promovida por uma commissão da imprensa e em beneficio do inimitavel actor, será talvez, infelizmente, a ultima homenagem de affecto prestada ao nome d'aquelle artista grandioso.

CHRONICA



O entusiasmo das discussões parlamentares tem decrescido a olhos vistos.

Desde que o apagador baixou sobre a questão de Braga e Guimarães e o nome do sr. Bailio deixou de fazer parte integrante da oratoria parlamentar o entusiasmo foi murchando, foi murchando, a ponto de já não haver força que o levante nem calor que o reanime!

O sr. Bailio faz tanta falta no seio da representação nacional como o cravo de cabecinha no condimento dos escabeches.

As flores de rhetorica nem teem viço em lhes faltando a seiva de s. ex.ª!

Os ataques da opposição, para serem bem energeticos, precisam dirigir-se ao alvo do sr. marquez.

As replicas do governo, para se manifestarem violentas como um caustico, não podem dispensar a cantharida do sr. Bailio!

E' naturalissimo!

As camaras, na sua maioria, votando moções de confiança ao governo do sr. Fontes, de quem o sr. Bailio é uma das partes indispensaveis, toem-se por tal modo identificado com aquelle personagem, sentem por tal forma dentro em si como que uma parcella d'aquelle ser, que, se lh'o arrebatam, entristecem e ficam mudas como um sino a quem privassem do badalo!

Na comedia *Inglez e Francez*, diz o Taborda, epilogoando o acto e abraçando os afilhados:

— Oh! sermos todos muito patifes!...

O sr. Fontes pode tambem dizer nas camaras, paraphraseando o nosso primeiro actor comico e abraçando os seus afilhados:

— Oh! sermos todos muito Valladas...



O governo não consentiu que o sr. marquez fallasse na camara alta.

Ainda se fosse na camara baixa talvez lh'o permitisse; mas, na alta, o governo arreoçou-se de que o discurso do sr. marquez não estivesse á altura da gravidade e promovesse alguma baixa... de fundos, muito grave.

Para evitar que o sr. Bailio tangesse os folles da sua verbosidade o governo estabeleceu no corredor da camara um cordão sanitario composto dos proceres mais experimentados n'aquelle genero de serviço.

Assim que o sr. marquez-microbio assomava á porta os soldados do cordão uniam-se em linha e cada um diligenciava, por seu turno, evitar que a epidemia transpozesse a raia do parlamento.



Este piscava-lhe o olho, chamando-o para o escuro d'um recanto, aonde o entretinha alguns minutos recitando-lhe alternadamente passagens mysticas do *Flos Sanctorum* e motes aphrodisiacos de Bucage.



Aquelle convidava-o com um gesto expressivo para o vão d'uma janella, aonde o distrahia por mais um, quarto d'hora, recordando-lhe as aventuras de Robieson por esse mundo de Christo e as d'elle marquez por essa travessa da Espera.

Ainda outro seduzia-o para a confortabilidade d'um sophá, prendendo-lhe a attenção com o celebre caso da *Magdalena*... arrependida...

A despeito porém de tantos atractivos elle não podia conformar-se com aquella *ralha* que o governo lhe mettia na bocca e fervia em pulgas por deitar cá para fóra o seu discurso, sentindo fermentar-lhe nas veias o sangue allemão—como se fosse cerveja da mesma nacionalidade!

Elle, tão generoso, tão fidalgo da *velha rocha*, d'aquelles que recolhiam em seu solar quantos solicitavam poisada, sem lhes inquirir a procedencia; elle que recolhe todo o mundo, sem distincção de gerarchia; que é uma especie de recolhimento ambulante e que podia até, com vantagem, substituir o *Albergue nocturno* do Intendente; elle recalcitou contra esta imposição do discurso recolhido, e pedia em altos

brados que lh'o deixassem explodir, insistindo em que havia de deital-o cá para fora, ainda que tivesse de recorrer ao *clyster aereo* de que o Abel Accacio falla no seu drama *Germano*!



O Abel porém, declaron que, não tendo conseguido que aquelle producto—d'antes pharmaceutico e ao presente litterario—fosse admittido na caixa do theatro de D. Maria, o não podia ceder agora ao sr. marquez, que não está em condições de caixa—pelo menos de theatro...

N'esta situação, resta ao sr. Bailio apenas o expediente de fazer ao discurso o mesmo que se faz ás rolhas das garrafas na falta de saca-rolhas: empurram-se com um pau e mettem-se pelo gargallo abaixo...



Lembra-nos um expediente muito simples para resolver a questão de Braga e Guimarães.

E' mandar lá o tenor Masini.

E' um caso de vantagem mutua...

O celebre tenor prestará um grande serviço á cabeça de comarca serenando os ânimos com a sua voz celestial; Guimarães prestará outro serviço igualmente grande á cabeça de Masini cortando-lhe o cabello com a sua tesoura nativa...



Sobre a excellencia da tesoura de Guimarães não tenha o illustre cantor a menor duvida.

E' até por causa d'essa tesoura que Braga se está manifestando contra a desannexação de Guimarães.

As tesouras de Guimarães fazem-lhe uma falta dos diabos para abrir a coroa ás suas legiões de conegos...

São cabeças rijas de tonsurar como a piassaba dos Açores.



Ha cinco dias que não ganhamos para o susto, logo pela manhãzinha, á leitura do *Diario de Noticias*.

A primeira noticia com que deparamos é a seguinte:

«Hoje ha *Pontos nos ii*.»

Ora os *Pontos nos ii*, como o leitor muito bem sabe, tem sido sempre, mal comparado, assim como a dobrada—uma vez por semana.

A rua da Prata, 80 dava a dobrada ás quartas feiras; nós damos os *Pontos* ás quintas.

Fôra d'estes dias nem que sua magestade estivesse de desejos seria capaz de obter os *Pontos* com caricaturas do sr. Fontes ou a dobrada com vidrilhos de presunto.

D'ahi o nosso susto ao lermos todas as manhãs: «hoje ha *Pontos nos ii*!»

Sabe Deus o que nos custa dar estes *pontos* uma vez por semana, quanto mais dal-os agora todos os dias...

Tinhamos de comprar uma machina de costura ao Antonio Ignacio da Fonseca!

Afinal, os *Pontos* de que trata o *Diario de Noticias* não são nossos; são de Julio Rocha e de Baptista Machado, a quem muito agradecemos a amabilidade da sua gentil dedicatória.

Aquelles *pontos*, por cuja causa o publico se acotovella e se pisa todas as noites á porta do theatro Chalel, aquelles *pontos* foram dados com agulhas muito finas, porque picam como espinhos de alcachofras...

Ha duas coisas, porém, que não perdoamos aos auctores:

A primeira é mandarem-nos para a lua em companhia do sr. Fontes. Aquella sociedade não a queremos



nem para um quarto de marimellada, quanto mais para um quarto de lua...

A segunda queixa que temos dos *Pontos nos ii* é a natural confusão do titulo, do que resulta um grande prejuizo para o nosso jornal.

O CORDÃO SANITARIO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Situação do sr. Bailio no corredor da cam
Ao menos, que as praças do cordão se vi
mais doce e elle a engula sem dificuldade...

os pares: cercado e vigiado como verdadeiro microbio!
rigor, de soldados do 7, para que a *pilula* lhe pareça

Como alguns bilhetes para os *Pontos do Chalet* se têm vendido a 20000 réis, os contractadores não nos largam a porta, comprando-nos todos os *Pontos* a dezoito tostões o exemplar.

Isto arruína-nos!

Ainda hontem, uma formosa leitora embirrou em nos pagar o numero dispendendo aquella importancia, em vez de nos dar os trez vintens do costume que apenas lhe exigiamos!

Decididamente não nos convém...

Esta questão da semelhança de nomes produz umas confusões de mil demonios!

Ha bem poucos dias que o Eduardo Coelho do *Diário de Noticias* deixou de receber a horas um telegramma, porque o foram entregar ao Eduardo Coelho deputado.

Só falta agora que o Eduardo da rua dos Calafates apanhe um dia alguma descompostura do sr. Fontes, destinada ao Eduardo do largo de S. Bento...

Com o Marçal Pacheco, da praça de Luiz de Camões, succedeu-nos coisa parecida.

Entrámos-lhe no estabelecimento julgando que se tratava do Marçal Pacheco deputado, cuja protecção requeríamos para um logar de amanuense, e, depois de lhe expormos a nossa pretensão, quando suppunhamos que nos ia dar um bilhetinho para sr. Fontes, deu-nos mas foi um frasco de essencia de pinheiro.

Não perdemos na substituição. A essencia é tão boa que, se o sr. Hintze levasse um frasquinho d'aquelles para o ministerio da fazenda, quem lá entrasse parecer-lhe-ia pelo cheiro que estava n'um verdadeiro pinhal d'Azambuja!...



O sr. José Luciano de Castro, a cabeça n.º 1 do partido progressista, acaba de fazer uma contrafacção grossieira não só á cabeça como aos bigodes do sr. Fontes!

S. ex.ª, depois de pôr em pratica todos os meios de ascensão ao poder, desde o grande Mongolfier até o simples papagalo, reconheceu finalmente que o ascensor d'aquella calçada da verdadeira Gloria não se movia apenas com a agua chilra dos discursos parlamentares, mas sim com a agua circassiana da drogaria Serzedello.

Isto reflectido, José Luciano pintou-se.



Agora, com o bigode e o cabelo da cor do puro sisco, nada mais facil de que obter nas altas regiões do estado o quilate do seti antagonista Fontes e, com esse quilate, a presidencia do conselho.

O processo é tão simples quanto seguro.

— Dê-lhe tinta, seu Zé Luciano! dê-lhe tinta!



Acabamos de receber o seguinte requerimento que não duvidamos publicar na integra:

— Digo eu, Bailio de Malta,
Por toda a parte enxotado
E a quem, p'ra mártir, só falta
Ser — a valer — empalado;

— Que n'um num'ro que aqui tenho
D'esse jornal abelhudo,
Vem um maldito desenho
Que me doeu — mais que tudo!

— No sitio por onde ao meio
A humanidade se dobra,
O Fontes bate-me em cheio
Com alfavaca de cobra!

— Se não guarda, o tal desenho,
Alguma ideia velhaca,
Peço ao auctor — com empenho —
Que rectifique a alfavaca...

— Tenho motivos de sobra
P'ra de alfavaca andar farto...
Tire a alfavaca de cobra...
... Antes m'a dê... de lagarto...

PAN-TARANTULA.



DAS CALDAS

As Caldas tiveram recita, sendo o producto destinado á edificação do novo theatro.

Com este recurso deve o theatro achar-se concluido lá para o anno 3000 — se o governo, ainda assim, lhe conceder um pequeno subsidio.

E não se julgue que os caldenses acharam barata a brincadeira... Um logar de theatro que custa um cruzado — e sem chá e tótias — é de levar coiro e cabelo!

Por pouco mais de que isso dá o Pimentel club e com um chá tão bom que até parece outra coisa...

O local para o edificio do theatro parece que ainda não está escolhido e lembramos por isso a conveniencia de adquirir para a edificação a cabeça (?) do conselheiro *Pim*, aonde não ha sequer uma prateleira que deitar abaixo, porque aquillo está vasio como uma gar-

rafa de canna branca, depois de passar pela mão do Zé das Pinguinhas... Está vazio e é muito espaçoso.



A recita de que fallámos foi como todas as representações de curiosos — muito boa.

Uma dama que parecia um burrié.

Sobresahiu o sr. Frederico, que fez graciosamente uma scena comica.



O panno parece pintado pelo conselheiro Pim e é necessariamente uma allusão a rainha D. Leonor, ao lado de D. João 2.º, vestido de D. Alfonso Henriques.



A rainha offerece cavacas cor de rosa a Sciencia, a Arte e a um páosinho qualquer d'aquella época.

Mais ao lado, Mercurio, de guarda municipal, expulsa a pranchada varias hydras, que já por aquelles tempos andavam ameaçando os alicerces dos thronos e os canastros das magestades.

Ha quem assegure que este passo representa outra allusão; esta, porém, ás cavaqueiras.

Ao fundo ha varios marujos trajando á época e n'um arco iris assentam-se dois genios de Siam!

Se não e obra do conselheiro Pim, então e do mesmo auctor das pinturas do club.

O que e indispensavel e que o governo adquira sem tardança este chefe d'obra e pregue com elle na Academia das Bellas Artes, antes que desapareça de todo!



THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA FEIRA 5 DE FEVEREIRO

FESTA ARTISTICA DE JOAQUIM D'ALMEIDA



Joaquim d'Almeida, um artista de talento sobejamente revelado; o creador, não do céu e da terra, que é um chefe d'obra artistico, mas, em summa, do Rosalino, que é um chefe d'obra litterario; faz amanhã a sua festa como acima fica dito no theatro do Gymnasio.

Joaquim d'Almeida resuscita *Os Lazaristas* — resurreição de que não lhe duriámos os parabens, se se tratasse da seita, mas de que sinceramente o felicitamos visto tratar-se do drama.

THEATRO DE D. MARIA

SABBADO, 6 DE FEVEREIRO DE 1886

5:008.º FESTA ARTISTICA DO VENERANDO ACTOR

SILVA PEREIRA



Isto é apenas uma prevenção aos amigos d'aquelle sympatico artista e extraordinario phenomeno de mumificação em vida.

Silva Pereira, como toda a gente sabe, não passa os bilhetes do seu beneficio.

E não os passa por dois motivos:

Primeiro, porque os pretendentes são pelo triplo dos logares disponiveis.

Segundo, porque o Silva Pereira, com a idade que tem, costumou-se a contar os annos como se fossem simples dias, de fórma que só de 365 em 365 annos festeja o seu anniversario natalicio!

Por este processo, quando lhe vão dizer que é tal dia a sua festa artistica annual, Silva Pereira julga que estão a trocar com elle e responde invariavelmente:

—Vocês imaginam que eu já tenho idade para estar idiota? Então não me lembro perfeitamente que ainda foi hontem o meu ultimo beneficio...

Coitadito! Que se lhe ha de fazer?... O melhor é não o contrariar...

Para a noite de sabbado prepara-se uma agradavel surpresa. Mathusalem e o Tempo irão cumprir o velho actor, vestindo os mesmos fatos com que em pequeninos andaram ao collo d'elle.

Deve ser uma scena muito commovente!

CHRONICA

Isto não pode seguir a ordem descriptiva d'uma chronica. Os acontecimentos succederam-se, misturaram-se, confundiram-se, e, se tentassemos relacionar-os por classes, levariamos pelo menos tanto tempo como o velho cabelleiro Cramochel, se agora lhe desse para discriminar por côres todos os cabellos que tem cortado durante a sua carreira tão longa como gloriosa!

Limitamo-nos por isso a dar a estampa os apontamentos que tomámos na nossa carteira de chronista.

Segundo já lêramos em varias folhas e tivemos depois occasião de verificar pessoalmente, as sessões parlamentares estão o mais interessantes e o mais pornographicas que imaginar se pode.

Isto na camara baixa.

Na camara alta, se bem que se discuta o mesmo assumpto, correm as sessões muito desanimadas.

As duas camaras estão na proporção dos salões de S. Carlos e D. Maria em baile de mascaras de terça feira gorda.

Em D. Maria, isto é, na camara baixa, só por gosto se pode ir fazer horas de jantar...

Aquillo não é parlamento: é um grosso volume de leitura só para homens, picante como o mexilhão das pretas.

Até devia prohibir-se que os deputados de menor idade, como o filho do sr. Barjona, dessem ouvidos a semelhantes bregeirices...



E depois, aquellas sessões não ameaçam apenas a moral d'uma pessoa, ameaçam-lhe tambem o physico.

A's duas por tres desata tudo n'uma berrata de café de lepes, os punhos erguem-se fechados ameaçando a terra, o mar, e o mundo, e dando apenas cabo das inofensivas carteiras de pinho, e pelos ares cruzam-se vocabulos que o Correia de Lacerda nunca teve a coragem de introduzir no seu dicionario de synonymos!

O menos que se tem chamado é batoteiros — que é o mais que se chamavam ás vezes os pontos, na patateira da travessa do Forno.

Ha dias até se mandou apagar o gaz, como se usa nas roletas quando a policia bate á porta!

O sr. Bailio teve um grande pesar de não assistir áquella sessão.

Em primeiro lugar porque, tratando-se de batota, sempre teria occasião de fazer uma vacca com o governo, para a arriscar ás de baixo ou n'um cereo ao az.

E no fim, quando tudo ficou ás escuras, não lhe seria difficil deitar a mão ao que lhe estivesse mais ao pé.



O sr. Fontes, constringido a responder ao brilhante discurso de Antonio Candido, foi o mais chato que se pôde ser. Sua ex.^a bem quiz deffender a causa do seu amigo, mas, tratando de semelhante parte, claro está que não podia deixar de ser chato...

O sr. Barjona, na forma do costume, fez uns admiraveis passes de capa.

O distincto bandarilheiro via a questão sob dois pontos de vista: antes da manifestação de Braga — uma questão leve; depois da manifestação de Braga — uma questão de peso.



Exactamente como no caso do chocolate Mathias Lopes.

Depois d'uma discussão á temperatura de forno de tijolo, a questão ficou precisamente no mesmo pé em que tinha começado. O governo não mostrou pender nem para Braga nem para Guimarães.

Por mais que a opposição lhe perguntasse:

— Oh! ceus! p'ra quem te inclinas?...

O sr. Fontes limitava-se a responder que faltavam 5 para as 6, e que o governo não tivera tempo de estudar a questão.

O Thomaz Bastos tem na Escola do Exercito alguns sargentos aspirantes muito parecidos com o general Fontes: quando os chama á lição nunca se acham habilitados.

Em outra sessão tomou a palavra o sr. Navarro.

O orador soltou as primeiras palavras despindo o sobretudo, o que fez com que muitos espectadores religiosos comessem a rezar Padre-Nossos por alma das carteiras. Mas o sr. Navarro conservou-se d'uma serenidade e d'um assucar em ponto que até a maioria por vezes lambeu os beiços, concedendo-lhe os seus apoiados!

S. ex.^a não censurou o governo; lastimou-o como uma victima do que vulgarmente se chama os nossos amigos.

O amigo do governo, no caso sujeito, é o sr. Marquez de Vallada.

Que lhe preste...

O sr. Barjona, respondendo ao sr. Navarro, quiz executar as navarras de seu uso, mas esteve infeliz porque o terreno era muito falso...

S. ex.^a fez algumas revelações muito curiosas.

Sobre a personalidade do sr. Bailio, por exemplo, declarou o sr. Barjona que «não discutia senão o funcionario».

Estabelecido este principio, lembramos ao sr. mi-

nistro a conveniencia e a justiça de nomear commissario de policia o celebre *Physico* ou o não menos celebre *Barbas d'Alho*, que devem saber da poda no descobrimento de ladrocinras; e, enquanto ás suas condições moraes... faça-se vista grossa, como no caso do sr. marquez...

O sr. Barjona acrescentou que o governo nomeara e conservara o sr. Bailio governador civil de Braga porque... não havia melhor de que o sr. Bailio!

Sua ex.^a não explicou se aquellas qualidades se referiam ao funcionario se ao outro personagem...

No primeiro dos casos, os seus correligionarios politicos que lh'o agradeçam...

No ultimo que seja então o seu amigo quem lhe agradeça o reclame...

Referindo-se o José Borges á celebre aventura do sr. Bailio, quando era governador civil de Lisboa, o sr. Barjona retrocou:



—Eu não vou atraz de aventuras!...

Acreditamos. Mas vac atraz do seu amigo uma vez que lhe acompanha os passos, tomando a sua defeza...

N'esta sessão o sr. Fontes não deu á lingua.

Sua ex.^a tinha posto a lingua ao serviço do sr. Bailio durante a sessão passada e estava muito necessitado de dar um dia de descanso áquelle membro.

Antes de se entrar na questão de Braga e Guimarães, o Eduardo José Coelho fez varios requerimentos sobre *arranjos* aduaneiros, dizendo que o sr. ministro da fazenda delapidára os dinheiros do thesoiro.



A maioria protestou contra o vocabulo, fundada, cremos nós, em que a maior parte do auditorio não saberia talvez a verdadeira significação do verbo *delapidar*.

O orador explicou então que queria dizer na sua «haver o referido sr. ministro *distraindo* illegalmente os dinheiros publicos, como mais tarde provaria.»

A maioria deu-se por satisfeita, visto que o publico menos illustrado das galerias percebera enfim a significação de *delapidar*...

Franco Castello Branco, o sympathico defensor de Guimarães, quiz protestar contra este genero de explicações, que lá lhe pareceu um tanto esquipatico,

mas a propria maioria abafou-lhe a voz lealmente ingenua.

Mal empregada pomba, este Castello Branco, para ter cahido nas garras d'um abutre...

O sr. ministro do reino insistiu tanto em que a questão de Braga e Guimarães—ou seja antes a questão do sr. marquez de Vallada—tinha duas partes, que toda a gente ficou convencida de que se tratava d'uma questão...hermaphrodita!

O correspondente de Guimarães para o *Diario de Noticias* manda em telegramma o seguinte periodo.

«Os moradores do bairro industrial apresentaram-se de *costumes* com seu pendão e musicas...»

Como demonio serão os *costumes* dos moradores do bairro industrial?...

De *chéchés*? De vivandeiras? De zuavos? De *pierrots*?



Se foi em *costumes* primitivos, quem dera ao sr. Bailio que o governo o houvesse transferido de Braga para Guimarães!

S. ex.^a até era capaz de acompanhar o prestito pegando á vara do pendão!

Emygdio Navarro disse na camara que o sr. Bailio era possuidor d'uma caixa de Pandora.

Foi equivoco. S. ex.^a tem, mas é uma caixa de rufo.

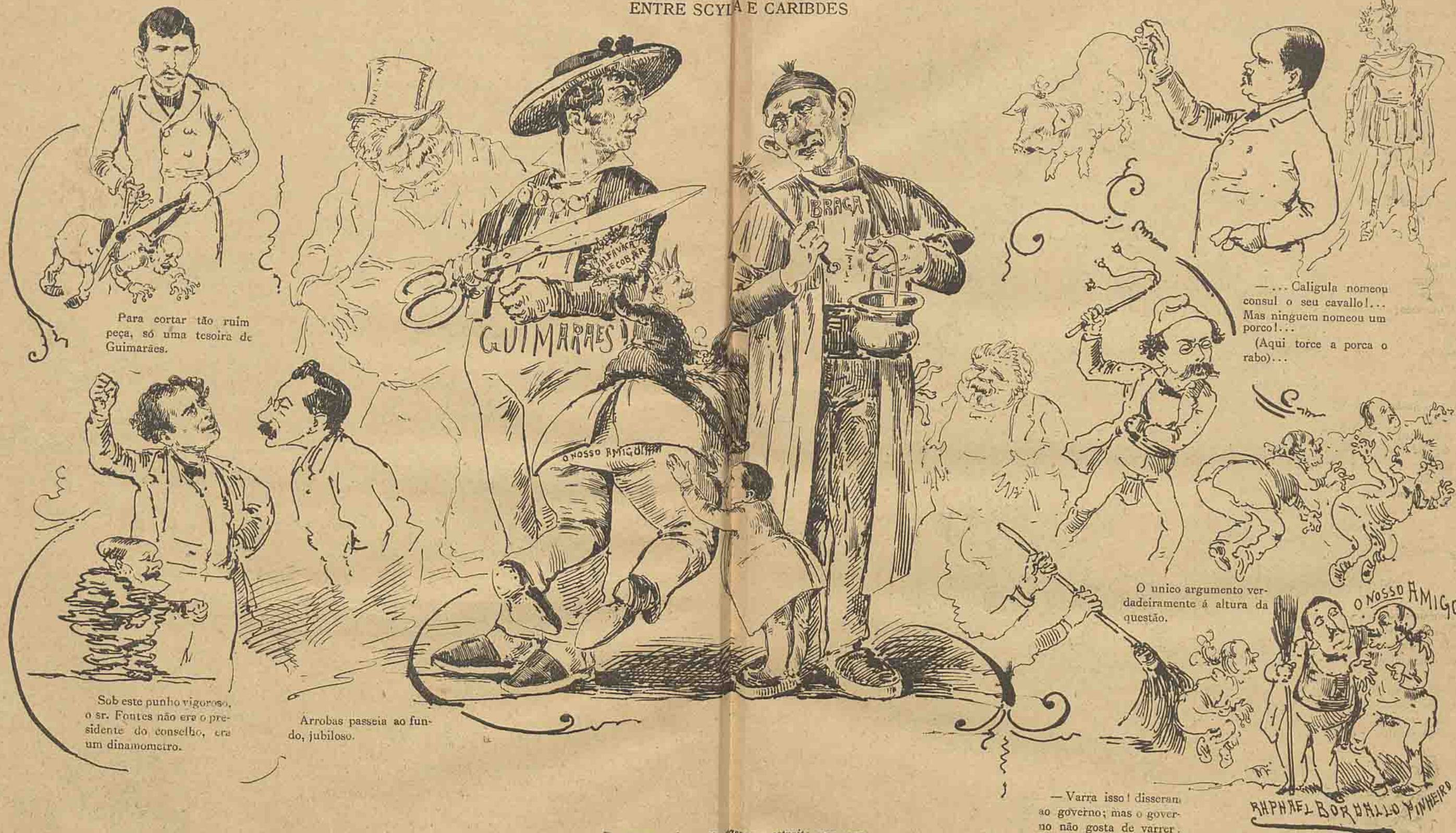


Aspecto da commissão de Braga na sessão da camara dos deputados.



A galeria assim, dava muitos ares d'uma capellinha do Bom Jesus.

ENTRE SCYIA E CARIBDES



Para cortar tão ruim
peça, só uma tesoura de
Guimarães.

Sob este punho vigoroso,
o sr. Fontes não era o pre-
sidente do conselho, era
um dinamometro.

Arrobos passeia ao fun-
do, jubiloso.

O governo não podia passar o estreito, por causa
do mar largo, mas tanto apurou que lá passou...

— ... Caligula nomeou
consul o seu cavallo!...
Mas ninguém nomeou um
porco!...
(Aqui torce a porca o
rabo)...

O unico argumento ver-
dadeiramente á altura da
questão.

— Varra isso! disseram
ao governo; mas o gover-
no não gosta de varrer.
gosta de sujar.

O NOSSO AMIGO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O conego Alves Mathcus perguntou no parlamento :
«Que laço mysterioso prenderá o governo regenerador
ao sr. Bailio de Malta?»



Ora essa! Está de vêr que é o laço do pescoço...
(em francez...)

Da ignea vaga
Que corre Braga
E não se apaga
Ha mais d'um mez;
Do fogo vivo,
E' positivo
Que foi motivo
O tal marquez...

Pasmo não causa
Que assim sem pausa
E por tal causa
Braga se inflamme;
Pois que, segundo
Sabio profundo,
Do mal no fundo
... Cherché la femme...



PAN-TARANTULA.

NARRAR

Narrar é uma palavra ainda mais moderna de que
a phrase «fazer a Avenida».

Quando se chama um nome feio a qualquer cava-
lleiro, de duas uma: ou se faz uma offensa ou uma
narrativa.

Na primeira das hypotheses o caso pede cabidella
no campo da honra; na segunda pede a mesma coisa
mas á meza d'um hotel.

—O senhor insulta-me? Hade bater-se!



—Perdão! Eu narrava...

—N'esse caso não vamos para a mattança — vamos
para o Matta...



—O sr. é um pulha! um bandalho! um safardana!

—Isso é offensa?...



—Não senhor... E' narrativa...

—Então toque n'estes ossos...

Nos corredores de S. Carlos é o unico ponto onde
a narração se não admitte como moeda corrente.

Um sujeito narra a filha da cantora fulana.

Vem outro e prega-lhe dois biscoitos.



—Ora esta! eu narrava...

—Qual narrava! Você offendia!

De forma que as unicas questões consideradas de
honra são as questões... lyricas!

Todas as outras não passam de narrativas.

Vamos narrando...



O CRIME DA TRAVESSA DO POÇO

JESUINA DA CONCEIÇÃO



Uma cara vulgar onde não ha nem assomos de belleza nem accentuações de fealdade.

Em toda aquella physionomia, não se descobre uma linha sequer denunciadora da maldade em requinte que devesse acompanhar essa monstruosidade do crime!

A não acreditarmos na existencia de outros crimes semelhantes, que, por mais perfeita execução, se conservem ignorados, este facto, isolado na sua extraordinaria ediondez, attribuímos-o mais á imbecilidade d'um cerebro deficiente do que á perversidade d'um coração sanguinario.

No crime de Jesuina da Conceição existe, quer-nos parecer, bastante para minuciosas pesquisas pathologicas.

Tão singular se nos afigura a coragem estupenda d'aquella rapariga de aspecto vulgarissimo, que não podemos lançal-a a conta de exclusiva malvadez.

E' uma criminosa, não ha duvida. Mas não sera igualmente uma enferma?

Se a justiça com que julgar, não terá tambem a sciencia que observar?

THEATRO DE S. CARLOS

SEMIRAMIS



SCHALCHI-LOLI E BORGHINI-MAMO

Só depois de se ouvir aquelle magnifico duetto, magistralmente cantado—como nunca o ouviremos—por Schalchi-Loli e Borghi-Mamo, se comprehende o enorme valor do segundo sentido com que a natureza fez favor de nos obsequiar!

Em momentos assim, chega a inspirar-nos mais do o sr. visconde Santo Ambrosio de que o proprio mr. Unthan! Porque este, ao menos, substitue facilmente as mãos pelos pés; ao passo que aquelle não pôde substituir o ouvido pelo nariz...

E, a proposito de nariz, attribuímos aquella unidade do duetto aos narizes das duas executantes. Schalchi tem nariz de menos; Borghi tem nariz de mais. Por isso se unem tão bem; se não fosse assim, talvez não unissem, porque lá diz o ditado que «duro com duro não faz bom muro»...